

MORTE – UM TEMA PARA VIVOS

Evani Moreira Pedreira dos Santos¹

Minha morte nasceu quando eu nasci,
despertou, balbuciou, cresceu
comigo...

M. Quintana

Resumo. Este é um trabalho que trata de um assunto tão antigo quanto a humanidade – a morte, a finitude. Conceito eivado de informações as mais diversas: filosóficas, científicas, religiosas, poéticas, artísticas e culturais, sempre preocupou os humanos na busca da longevidade. Traz ao nosso cotidiano angústia, medo, preconceito. Na tentativa de colaborar com a compreensão da morte, o presente artigo deseja demonstrar, que independente de qualquer avaliação, o nosso estar no-mundo é acompanhado inexoravelmente desse fato real e implacável da vida que é a morte.

Palavras-chave: Morte. Finitude. Vida. Existência.

A complexidade da existência traz reflexões que nem sempre são objetivamente compreendidas. Entretanto, algumas questões como a própria vida impõe outros conceitos que dela fazem parte: a morte, por exemplo... Como o nascimento, a morte também faz parte do existir no mundo, apesar de ainda ser

¹ Professora Assistente do Departamento de Filosofia e Ciências Humanas. Pesquisadora do Núcleo de Estudos do Envelhecimento da UESC. Ilhéus, Bahia. E-mail: evapedreira@uol.com.br.

tabu em nossa sociedade, e se torna recorrente em todos os lugares e tempos da história da humanidade, a partir de algumas reflexões filosóficas. Desde a construção material do homem, de seu sentido intuitivo, perpassando pela reflexão dos mitos e do cosmo, o toque da religiosidade também trouxe e traz grandes contribuições que nos conduzem ao entendimento sobre a fragilidade humana. Do mesmo modo que os vínculos sociais estão presentes em nosso cotidiano, as diferentes possibilidades inerentes à natureza humana, como envelhecimento, morte, finitude, são registros específicos da nossa existência.

A questão da morte e do morrer como fato social e universal tem, nas diferentes culturas, suas especificidades. Por outro lado, em seu caráter ontológico-existencial, todas as questões, em especial a morte e o morrer, suscitam aprendizagem como indicam estudiosos dessa temática admitindo as referências entre a morte de si e a morte do outro. É um tema que imprime análises de ordem filosóficas e também científicas seguindo a linha interpretativa de Bornheim (2001).

A questão da morte imprime maneiras de pensar nas diferentes áreas do conhecimento envolvendo emoção, dor, sofrimento e angústia. Pensadores como Confúcio, Platão e Sêneca, ou ainda existencialistas como Kierkegaard, Heidegger e Sartre, tentaram algumas explicações que ainda fazem parte de estudos e tentativas de compreensão envolvendo sobretudo o estado de espírito do homem: materialista ou espiritualista.

Fora de dúvida, há entre algumas pessoas certo entendimento: materialista para uns, espiritualistas para outros. Em nosso entendimento, os espiritualis-

tas que não negam as condições psicológicas, morais e culturais dão ao tema um significado forte na cultura, portanto, em nosso caso especial, podemos analisar a forma de respeitar nossos mortos pela maneira que tratamos nossos vivos. Para os espiritualistas, há uma certeza na revelação divina e não apenas uma construção e, ou explicação materialista. A morte pode ser interpretada como uma maneira de renascimento e, ou uma maneira de recomeço para apagar as culpas; final de um ciclo de vida e, ou filosoficamente à luz existencialista - “uma possibilidade existencial” – que gera angústia, temor entre os homens, mas não é um tema mórbido, como dizem alguns. Portanto, a morte é um fato também de ordem social, que determina a natureza de nossa própria existência, de nossa temporalidade, conforme a corrente existencialista, ou seja, própria finitude do homem. “É o tempo que mantém o homem em sua finitude, mantendo-o na problematidade da relação transcendental entre a possibilidade ôntica e ontológica” (ABBAGNANO, 2001, p. 32).

Tomamos aqui alguns enfoques preliminares e de caráter geral para suscitar algumas reflexões, sejam filosóficas, poéticas, antropológicas, psicológicas, biológicas ou religiosas, áreas que não negam que o homem é um ser finito. Isto se pode traduzir na necessidade de se pensar em conceitos recorrentes da existência humana: a morte e a finitude. A cada momento, há em nós uma possibilidade da morte. Esta, conforme Pisetta (2007, p. 221),

é sempre a do outro, uma estatística, um tema embaraçoso, apesar de interessante. Neste sentido, to-

dos estes saberes mantêm-se numa atitude essencialmente desviante, isto é, por mais que explorem e enriqueçam o conhecimento que temos acerca deste fenómeno, os resultados sempre possuem um carácter de encobrimento e de desvio da morte singular.

Pode-se até questionar o processo, mas não se pode negar a morte.

Na construção existencialista de Heidegger, por exemplo, ao citar o *Dasein* - o ser-aí -, há um envolvimento do ser em três lutas de sua existência: o cuidado, a temporalidade e, definitivamente, a queda, ou seja, a finitude. Para esse filósofo, “*finitude* não diz primordialmente término. Finitude é um carácter da própria temporalização” (apud PISETTA, 2007, p. 245). Daí porque conceituamos morte e finitude num entendimento de que o homem é indiscutivelmente um ser para a morte, mas não apenas, exclusivamente, para a morte. Discute-se aqui a sua trajetória, o seu fazer “neste mundo”, o qual, em nosso entendimento, dará o verdadeiro significado da sua existência.

Como a vida, a morte está relacionada com todas as formas de conhecimento. Entretanto, da Biologia à Medicina Legal, entende-se morte “como extinção do sujeito de direito” (VANRELL, 2004, p. 33); não obstante, é a cultura que formata a interpretação da morte na sociedade. Daí entender-se que o respeito pela morte e pelos mortos evidencia a maneira pela qual os vivos são tratados. Por outro lado, a religião pode definir os critérios de interpretação. Afinal, a morte é o fim ou o começo da nova vida? É apenas uma possibilidade existencial?

Platão, refletindo sobre o engendramento do mundo, faz uma análise sobre os mortais:

Deuses, filhos dos deuses de quem sou o Autor e das obras de que sou Pai, nascestes por mim, e sois indissolúveis, tanto que eu não desejaria dissolver-vos. Pois se todo composto é corruptível, querer romper a unidade do que é harmonicamente unido e belo é perversão. Portanto, e porque nascestes, não sois imortais, nem de todo incorruptíveis (PLATÃO, 2002, p. 100).

Nota-se aí uma preocupação com a mortalidade do homem e de sua natureza.

Por outro lado, o homem, em seus mais diferentes estudos, a exemplo do poemático, das reflexões de grandes sábios, traz algo a respeito da questão referendando a afirmação de que a morte é tão antiga quanto fascinante, demonstrando, assim, uma representatividade antropológica das mais significativas, conforme DaMatta (2000, p. 139).

Convém salientar que, nas diferentes expressões da sociedade, como as formas meditativas, religiosas, e mesmo o vocabulário corrente, tanto a morte como o amor são vocábulos inseridos em nosso cotidiano. Assim, dizemos “morro de amor por você”, “ele estava morto de fome”, ou mesmo quando afirmamos que “a ideia da morte me deixa morto de medo”, ou, ainda, o que nos lembra o canto salomônico seis, “o amor é forte, é como a morte.”

Pode-se até classificar a morte em: prematura, esperada, infantil e adulta (aquela da qual ninguém escapa se envelhece) –, assistida ou não, incluindo-se ainda a morte violenta, do homicídio – já tão banal em nosso meio... da casa à rua! - e do suicídio, que nada mais é do que um “dar a morte a si mesmo”

(DASTUR, 2002, p. 91).

Em verdade, a morte gera angústia, emoção, temor, medo, morbidez e até interesse... É preciso compreender que traz em nossa estrutura específica de ser uma vinculação à própria finitude e também reconhecer que a finitude é um exprimir, com autenticidade, a própria existência. É, portanto, uma atitude digna do ser humano e sua ocorrência não se dá apenas em função do seu declínio, do seu envelhecimento.

Entendemos que o que mais apavora não é mesmo a morte, mas o morrer – o seu processo. Não é fácil lidar com tal ideia que, muitas vezes, envolve diferentes aspectos penosos; é um acontecimento legítimo e próprio da condição humana; mesmo depois de curado pela medicina, morre-se mais tarde, morre-se do mesmo jeito. Portanto, “a sabedoria está em aceitar o real, não negá-lo” (COMTE-SPONVILLE, 1997, p. 20).

Em verdade, é um assunto tão complexo que suscita várias interpretações favoráveis para uns, desfavoráveis para outros. Assim, Hans Gumbrecht (2003), teórico da literatura, em alusão à visão heideggeriana, enfatiza uma compreensão da morte como parte da vida e não como “limiar”; não há experiência “social” da morte, sublinha, ela só é acessível ao indivíduo; sendo o fim absoluto da existência individual, a morte, necessariamente, provoca angústia em cada um de nós, daí porque tendemos a fugir dessa angústia individual lançando-nos ao anonimato (e no entorpecimento) da esfera social. Para Heidegger, “só há um modo autêntico de superar a angústia – a antecipação deliberada e confrontadora da morte” (HEIDEGGER, 2003).

Acreditamos que a educação vai promover essa

compreensão, pois “a grande sociedade gosta de maquiagem a realidade, e faz de conta que a morte não é um assunto para gente viva, o que pode facilitar os surtos psicóticos e as neuroses”; nos ensina R. Moraes (2000, p. 100). Não há dúvida de que a vida é feita de angústia, dor, solidão e tristezas, mas também de alegrias. Exatamente por isso, precisamos aproveitar o intervalo que temos do nascimento à morte.

Relembrando DaMatta (2000, p. 135), as sociedades têm de dar conta da morte e dos mortos, mas há um padrão visível quando se lança os olhos sobre a questão: “de um lado, há sistemas que se preocupam com a morte e, do outro, sistemas que se preocupam com o morto”.

Evidentemente que o morto, em seu estado individualizado – morte de si –, pode atrair ao seu entorno, de acordo com a função social que exerceu, muitos ou poucos vivos, mas estes não devem esquecer que tal destino também os espera. Pode até parecer que, ao não se falar da morte, nega-se ou se disfarça. A sociedade neutraliza o fato através da pompa ou do luxo. Talvez por isso mesmo afirma Eco (2009): “a morte é um limite muito desencorajador e muito humilhante” (DERSPIEGEL, 2009).

Parece que esse momento de rapidez tecnológica e de ambição material – quando alguns estudiosos, a exemplo de Moacir Scliar (2003, p. 93), nos dão a entender que historicamente há uma espécie de neutralização da morte através do luxo e da pompa – impedem uma reflexão sobre nascimento e morte, já que nascimento e morte são experiências únicas, talvez até únicos momentos de solidão.

Em sua explicação simbólica, a morte é concebida como passagem para o além ou para o outro mundo. Entretanto, é um fato que determina a natureza de nossa própria existência e, por isso, é preciso aprender a conviver com esta lei universal sem, contudo, deixar de lutar pela vida e, principalmente, pela sua qualidade.

Temos a impressão de que a sociedade, as pessoas já estão mais conscientes de sua finitude e até mesmo em discursos públicos temos assistido a certas afirmações: “o homem deve estar preparado para morrer a cada momento e proceder como se nunca fosse morrer”².

A morte é uma realidade que não queremos falar ou nos falta coragem para trazer à discussão. O fim, a queda, é o destino de cada um de nós (não questionaremos a forma), mas a certeza de que todas as coisas perecem e nós, em particular, temos uma constante de perdas de diferentes tipos até o apagar da chama vital. Apesar de, sob o critério da fé, não apagarmos, continuamos.

Vimos de um abismo de trevas; findamos num abismo de trevas: ao intervalo de luz entre um e outro damos o nome de vida. Tão logo nascemos, principia o retorno; partida e volta são simultâneos; morremos a cada instante. Por isso muitos proclamaram: O escopo da vida é a morte (KAZANTZÁKIS, 1997, p. 38).

A morte é um risco da existência humana. Portanto, reconhecê-la nada mais é do que exprimir com

² Discurso proferido pelo Senador Pedro Simon, no Senado Federal, em novembro de 2009.

autenticidade a própria existência humana; é, pois, uma atitude digna do ser humano. A morte é o estado individualizado. DaMatta (2000) afirma que, no Brasil, fala-se mais do morto do que da morte. Talvez isso constitua um disfarce para sua negação. Para ele, é uma questão filosófica e existencial. Os mortos imprimem também uma questão religiosa, isto é, de salvação. A preocupação pode variar entre a morte, as causas do morrer e quem é o morto. Assim, a Morte é para todos; o morrer tem causas (de quê?); o morto tem importância social (quem?).

Uma interpretação da ciência e da tecnologia imprime outro tipo de questionamento a respeito do ser humano e uma inserção na cultura vigente. É inegável a presença da tecnologia, seus efeitos e suas vantagens envolvendo relações e enfoques tecnológicos no que se refere à subjetividade humana e até a dissolução do humano propriamente dito. Até onde é humano? Até onde é máquina? A criogenia (congelamento de células) acena para uma vida imortal...

Parece que as respostas caracterizariam a época pós-moderna. Seria esta época, a da criação do ciborgue, uma interpretação dual? Esta resposta e, ou nova criação pós-moderna reproduziria a antropologia do ciborgue com “a mecanização, a eletrificação do ser humano e a subjetivação da máquina” (SILVA, 2000, p. 14), o que contestaria talvez algumas interpretações vigentes. Entenda-se aqui como uma breve referência para possíveis estudos.

Parafraçando Alves (2000, p. 120), acreditamos que A vida começa com uma chegada. Termina com uma despedida. A chegada faz parte da vida. A des-

pedida faz parte da vida. Por isso, a música, a poesia, pintura são representações do sentimento, da emoção, do afeto e de todas as expressões humanas. Todas elas podem dar significados também à morte; tudo isso está impresso na história da humanidade. A exemplo de Hesíodo, Camões, Bach, Magritte, Dürer, entre outros, temos historicamente diversas representações sobre a morte. Entendendo a sutil fronteira entre a poesia, a filosofia – bem como tudo que permeia a construção humana –, identificamos e finalizamos com Helena Kolody (2001), poeta paranaense, que exprime levemente em sua *Cantiga*:
A vida é linda,/ mesmo doendo/ nos desencontros/
e despedidas,/ mesmo sangrando/ em malogrados,
áridos hortos,/ searas maduras/ de sofrimento./
Chegar ao porto/ da vida finda/ cantando sempre,/
sonhando ainda.

É a música e o poemático que nos trazem alento e leveza neste conturbado momento em que o real e o imaginário se fundem para tornar a vida mais alegre.

REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Introdução ao Existencialismo**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ALVES, R. A Chegada e a Despedida. In: REZENDE, Vera Lúcia (Org.). **Reflexões sobre a vida e a morte**: abordagem interdisciplinar do paciente terminal. São Paulo: Unicamp, 2000.
- BORNHEIM, Gerd. **Metafísica e Finitude**. São Paulo: Perspectiva, 2001.
- BÍBLIA de Jerusalém. São Paulo: Paulus, 2002.
- COMTE-SPONVILLE, André. **Bom Dia, Angústia!**. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- DAMATTA, Roberto. **A Casa e a Rua**: Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.
- DASTUR, Françoise. **A Morte**: Ensaio sobre a finitude. Rio de Janeiro: Difel, 2002.
- ECO, Umberto. <http://noticias.uol.com.br>. acesso em 15 nov. de 2009.
- GUMBRECHT, Hans Ulrich. As Faces da Extinção. In: **Folha de São Paulo**. Caderno Mais. 19 out. de 2003.
- KAZANTZÁKIS, Nikos. **Ascese**. São Paulo: Ática, 1997.

HEIDEGGER, M. **Os Conceitos Fundamentais da Metafísica**: Mundo, Finitude, Solidão. Trad. Marco Antonio Casanova. São Paulo: Forense Universitária, 2003.

KOLODY, Helena. **Viagem no Espelho**. Curitiba: Ed. Criar, 2001.

MORAIS, R. Homem e Morte: visão antropológico-filosófica e senso comum. In: REZENDE, Vera Lúcia (Org.). **Reflexões sobre a vida e a morte**: abordagem interdisciplinar do paciente terminal. São Paulo: Unicamp, 2000.

PISETTA, Écio Elvis. Morte e Finitude. **Síntese – Rev. de Filosofia**, v. 34, n. 109, p. 219/246, Belo Horizonte, 2007.

PLATÃO. **Timeu e Crítias**. Curitiba: Hemus, 2002.

QUINTANA, Mário. **A Rua dos Cataventos**. São Paulo: Globo, 1994.

SCLIAR, Moacyr. **Saturno nos Trópicos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2003.

SILVA, Tomaz Tadeu (Org.). **Antropologia do Ciborgue**: As vertigens do pós-humano. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

VANRELL, Jorge Paulete. **Manuel de Medicina Legal**: Tanatologia. São Paulo: Ed. de Direito, 2004

VIRILIO, Paul. **Entrevista**. Fl. São Paulo: A-24, 04 abr. 2004.

DEATH: AN ISSUE FOR THE LIVING

Abstract. This is a work that deals with a subject as old as human kind - death, finitude. Death is a concept encompassing the most diverse information: philosophical, scientific, religious, poetic, artistic and cultural, always concerned with the human quest for longevity. It raises our daily anguish, fear and prejudice. In order to collaborate with this reality, the paper shows that, regardless any assessment of our being in-world, it is inexorably accompanied of that real and unforgetting life fact.

Keywords: Death. Finitude. Life and Existence.